

## A postura intelectual de Maurício Tragtenberg

Erisvaldo Pereira de Souza\*

### Introdução

Neste artigo, temos como proposta principal, realizar uma análise sobre a postura intelectual de Maurício Tragtenberg e perceber como este intelectual passou a defender posições em favor dos trabalhadores, pois será possível perceber em suas obras e práticas intelectuais esse posicionamento crítico e radical no que diz respeito a luta dos trabalhadores.

Desde a juventude, Maurício Tragtenberg desenvolveu uma postura de crítica em relação à sociedade, sua forma de organização, mas principalmente ao modo de produção capitalista. Por outro lado, no que se refere às instituições como é o caso do Estado, sua posição é crítica, bem como das organizações políticas, neste caso partidos e sindicatos, mas não era uma crítica radical, pois faltava aprofundamento em algumas questões na qual foi realizando ao longo de sua trajetória intelectual e política.

Estas posições obviamente foram sendo desenvolvidas ao longo de sua trajetória, na juventude esteve vinculado a partidos políticos e outras organizações de cunho político conservador, mas vai historicamente romper com estas, pois suas leituras apontavam para outra perspectiva de análise. Este rompimento, vai ocorrer principalmente porque Maurício Tragtenberg passou a buscar um conjunto de leituras de autores alemães e russos, com posicionamentos críticos, que de alguma forma foram importantes para que ele pudesse perceber o conservadorismo dos partidos políticos, dos sindicatos e principalmente do Estado como forma de organização da sociedade.

Na relação entre sociedade e Estado, nos seus escritos é possível perceber como analisou essas questões. Segundo Tragtenberg (2011) o governo, seja estadual ou federal, através do discurso de vários de seus componentes, não se cansa em admitir a situação de crise em que vive o país, a situação de miséria e fome em que vegeta o trabalhador, que tudo produz e nada tem<sup>1</sup>.

Portanto, a partir dessas questões apontadas é que iremos discutir a postura intelectual de Maurício Tragtenberg, sua aproximação com a classe trabalhadora, a crítica em relação

---

\* Graduado em História, Especialista em Ciência Política pela Universidade Estadual de Goiás, mestre em Sociologia e Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

<sup>1</sup> O trabalhador produz mercadorias no interior das fábricas, mas nem sempre pode compra-las, pois normalmente o fruto do seu trabalho, não lhe pertence.

ao Estado, aos partidos políticos, sindicatos e demais organizações burocráticas defensoras dos interesses da classe dominante.

### **Crítica radical e postura intelectual**

Maurício Tragtenberg (1929-1998) foi um intelectual autodidata que estabeleceu vínculos com algumas organizações de trabalhadores na juventude (partidos e sindicatos) e posteriormente entrou na universidade. Nesta instituição obteve uma formação acadêmica e suas titulações regulares, assim podemos dizer que sua carreira se deu em dois momentos, uma autodidata e a forma em termos formais na universidade. Sua postura intelectual diz respeito inicialmente na participação de organizações conservadoras, mas que ao longo de sua trajetória, vai romper de forma gradual, chegando a defender posturas críticas e revolucionárias.

Em suas obras podemos perceber uma crítica ao Estado representado pelos governos e como tratam os trabalhadores que a cada dia produzem e não conseguem ter acesso ao que foi produzido por ele. Os trabalhadores para saírem dessas condições necessitam se organizarem e lutarem por melhores condições de trabalho e de vida.

Na sua análise política, Tragtenberg (2011) que não se julgam as intenções, as pessoas são julgadas pela sua prática, o homem é os atos que pratica. De fato, como intelectual esteve preocupado com suas ações práticas no sentido de contribuir não com esse modelo de sociedade na qual estamos inseridos, mas o de pensar uma outra possibilidade de sociedade.

Neste sentido, lutou do lado dos trabalhadores, auxiliando com a produção de textos em revistas, jornais e obras. Realizou estudos a partir de uma concepção que buscava criticar partidos e sindicatos, pois esses querem usar os trabalhadores como “*massa de manobra*” e negociam sozinhos com os patrões. Desta forma, podemos perceber que estes não representam os trabalhadores, acabam negociando com os patrões em favor destes.

O que ocorre na sociedade brasileira é que a maioria dos intelectuais acabam somente reproduzindo os interesses do Estado, dos partidos políticos e sindicatos, pois estes acabam sendo financiados com recursos destes. Ao serem privilegiados realizam a defesa e consequentemente a manutenção dos interesses dessas organizações. No caso de Maurício Tragtenberg, este partiu de um ponto de vista distinto, pois não aceitou ao longo de sua

trajetória cargos ou funções de partidos ou sindicatos, na verdade ele fez a crítica radical a estas organizações.

De fato, este autor tinha consciência da sua perspectiva de análise da sociedade, do Estado, dos partidos políticos e dos sindicatos, inclusive realizou estudos interessantes sobre esses fenômenos, apontando seus limites em termos de organização e ação para resolver problemas dos indivíduos envolvidos. No que se refere aos partidos políticos, além de crítico, sua postura é radical quanto a participação nesta organização, principalmente quando o assunto era ser candidato, pois o mesmo foi indicado para disputar as eleições em São Paulo e sua postura foi negar essa candidatura.

Mas, existem algumas contradições para alguns que indicaram o nome de Tragtenberg para disputar eleições em São Paulo em 1985. Segundo Tragtenberg (2011) na primeira fase de indicação de nomes de futuros candidatos a deputados no PT, “alguém, penso, eu por boa fé, indicou meu nome”. Mas, o mesmo não foi candidato, pois não havia nenhuma possibilidade para isso.

Assim, ele esclarece sua posição diante desse fato, que de alguma forma é “*estranho*”. Na perspectiva de Tragtenberg (2011) “*não sou nem serei candidato a coisa alguma em nome dos trabalhadores*”. Deputados, senadores, vereadores, mesmo sendo ex-trabalhadores, com o tempo costumam esquecer suas origens sociais, fazendo papel de amortecedores ou administradores das lutas sociais. Estes indivíduos inseridos nessas relações passam a defender outros interesses e sua posição de classe é alterada. Antes até falam na luta das classes sociais, mas depois fazem o discurso da classe política vinculada a classe dominante. Neste caso, não reforçando os antagonismos de classes e nem a perspectiva do proletariado.

No modelo de sociedade e Estado na qual estamos inseridos, muitos desses indivíduos, dizem representar a sociedade nos seus mais variados segmentos, sejam eles, de trabalhadores, camponeses, donas de casas etc., mas na prática representam mesmo é a classe dominante, pois esses têm interesses que estão diretamente ligados a esta classe social.

Tragtenberg (2011) afirma pretender continuar na profissão de professor-pesquisador, “*dando força*” no que puder à organização dos trabalhadores a partir do seu local de trabalho. Assim, está claro sua posição diante da sociedade, das instituições e organizações como são o caso dos partidos e sindicatos. Isto quer dizer, que o mesmo não

tem interesses em atuar dentro destas instituições como um parlamentar e exercer funções no campo da burocracia estatal ou privada.

Na universidade desenvolveu pesquisas importantes sobre o pensamento social brasileiro, utilizando um referencial teórico bastante interessante, desde Karl Marx, passando por Max Weber e o anarquista russo Mikhail Bakunin. Eram estudos voltados para não somente a compreensão da realidade brasileira, mas buscava contribuir de forma sistemática com a classe trabalhadora, para tanto, era possível perceber sua forma humanista na relação com os outros indivíduos, sejam eles, trabalhadores, alunos e colegas de trabalho que eram pesquisadores e professores em geral.

A universidade era um dos espaços para desenvolver atividades diversas como professor e pesquisador, mas principalmente desenvolver suas leituras na qual tinha interesses, pois após sua entrada na universidade, passou a ampliar suas leituras no sentido de conhecer “*novos*” autores.

Historicamente suas leituras estavam voltadas para autores que geralmente não eram estudados no interior dessa instituição, pois se tratavam de autores chamados “*marginais*”, neste caso, os conselhistas que ele tinha afinidade teórica, como é o caso de Anton Pannekoek, Karl Korsch, Oton Rühle dentre outros. Esses autores são referências sobre o marxismo no século XX, principalmente porque retomam a obra de Marx na sua originalidade e na perspectiva da luta de classes e da autonomia da classe operária, onde demonstram o protagonismo da classe operária e não sua subordinação.

Neste sentido, buscava realizar uma prática distinta dentro da universidade, pois estavam voltadas para o desenvolvimento da pesquisa e um raro contato com a sociedade em geral. Maurício Tragtenberg realizava esse contato antes mesmo de sua entrada nesta instituição, pois sua entrada vai ser mais uma possibilidade de contato com outros indivíduos e ampliar sua atuação como intelectual.

Desta maneira, segundo Valverde (2011) era solidariedade em estado bruto, sobretudo com os mais humildes e os mais próximos – sem farisaísmo. Passava pelos modismos acadêmicos em voga, retirava-lhes o sumo e aplicava-os com extrema propriedade nas desmontagens das ideologias contemporâneas. Em síntese, buscava mostrar para os outros indivíduos como era possível, mesmo trabalhando em espaços com uma forte burocracia como forma de organização e de controle dos indivíduos, demonstrar assim, uma solidariedade e humanismo com os outros, independentemente de sua origem e formação

acadêmica. Neste caso, está evidente a crítica que ele realizou em relação as diversas produções intelectuais de cunho ideológico, pois encontrava mesmo em autores conservadores, algo que possibilitasse a compreensão de determinados fenômenos no âmbito das Ciências Sociais.

Por outro lado, ainda segundo Valverde (2011) intelectual de seu tempo, Maurício Tragtenberg continha a inquietude do espírito em tudo que falou, escreveu, polemizou. Como pensador, exerceu a dignidade ética de dizer a verdade em ambientes públicos, nos momentos conturbados. De fato, desenvolveu estudos importantes no sentido de buscar a partir da perspectiva do proletariado, desvelar verdades para mostrar como a classe trabalhadora historicamente se desenvolveu mesmo com as contradições e que na realidade está inserida e necessita continuar avançando para realizar a transformação social.

Na análise de Resende (2011) Maurício Tragtenberg não foi um intelectual de escola, preso a paradigmas. Em seus escritos dialogou com acadêmicos e operários. Teve a rara competência narrativa de ser compreendido por ambos em sua percepção de mundo, marcada por irônico humor, de mordacidade sem destempero.

Na verdade Maurício Tragtenberg em sua trajetória, teve contato com grupos sociais variados, desde militantes de partidos políticos, sindicatos e demais organizações de trabalhadores, isso ocorreu até os anos de 1950 e após sua entrada na universidade, passou a se relacionar com intelectuais e acadêmicos dos mais variados campos do saber, inclusive fora dos espaços institucionais, fato importante para sua formação.

Segundo Löwy (2001) Maurício se destacou pela coerência política e intelectual. Fiel até seu último dia aos ideais do socialismo e a uma reinterpretação antiburocrática do marxismo. Em termos gerais, ao longo de sua carreira buscou ser coerente com suas ações políticas desde a juventude, mesmo cometendo alguns equívocos ao se associar em organizações de trabalhadores burocratizadas, bem como em partidos políticos. Por outro lado, vai conseguir romper e estabelecer novas concepções sobre essas questões, ao mesmo tempo em que adota uma postura crítica-revolucionária.

Em relação ao seu engajamento, podemos perceber essa prática no período compreendido entre (1978-1985), quando das publicações dos textos na coluna do jornal *Notícias Populares*, onde ele desenvolveu textos sobre o cotidiano dos trabalhadores em São Paulo, inclusive nesse período é possível perceber uma ligação com os trabalhadores do ABC Paulista.

Na sua concepção sobre a *Coluna no Batente*, ele expressa de forma incisiva ao afirmar que: “a coluna está fechada hermeticamente aos “pelegos” do sindicalismo do velho ou do “novo tipo”, àqueles que vivem do sindicato e não para o sindicato” (TRAGTENBERG, 2011, p. 05). Isto demonstra que a coluna quer contribuir com a luta e a organização dos trabalhadores, mas sem a intervenção de um sindicalismo pautado no oportunismo e na direção da luta social dos trabalhadores. Ainda assim, para ele a coluna tem que exercer um papel importante no que diz respeito às informações, por isso, ele aponta que: “não pretende a coluna ditar normas a quem quer que seja, mas ser caixa de ressonância do que ocorre na linha de produção nas fábricas, bancos e escritórios” (TRAGTENBERG, 2011, p. 05).

Neste trecho, está presente os objetivos da *Coluna No Batente* que foi proposta por Tragtenberg no sentido de contribuir com a luta dos trabalhadores. Esta coluna busca ser uma das formas de comunicação com aqueles que vivem no cotidiano das fábricas, indústrias e escritórios em geral, mas principalmente desvinculada de formas de organização burocráticas que visam o controle burocrático dos trabalhadores, que de fato necessitam se organizar de forma autônoma<sup>2</sup>.

A crítica as instituições e organizações burocráticas, estão presentes nos artigos escritos e publicados na coluna *No Batente*. Assim, segundo Tragtenberg (2011), a coluna está equidistante de qualquer partido político<sup>3</sup>, mesmo daqueles partidos que pretendam falar “em nome” do trabalhador, quer se intitulem vanguardas conscientes ou não do mesmo trabalhador. As reflexões de Tragtenberg dizem respeito a relação entre os sindicatos e partidos políticos, onde os sindicatos reproduzem os partidos políticos, basta observarmos a quantidade de sindicalistas que a partir do seu sindicato se lançam na carreira política e se tornam políticos profissionais, assim o sindicato passa a ser o meio deste realizar a sua campanha e articulação política.

Por isso, os trabalhadores têm que estar sempre atentos em relação as boas ações de sindicatos e partidos políticos, principalmente em períodos de eleições, pois a representação

---

<sup>2</sup> Outro texto interessante sobre a questão da organização, é o texto de Braga e Viana (2011), onde podemos encontrar textos que realizam uma investigação a partir da concepção de Anton Pannekoek sobre a organização revolucionária. Pannekoek (2007), nos possibilita uma compreensão interessante sobre a organização dos trabalhadores, inclusive rompendo com todo o formalismo e ao mesmo tempo, realiza uma contestação radical em relação as organizações burocráticas.

<sup>3</sup> Os textos publicados na coluna “*No Batente*”, são do período compreendido entre (1978-1985), período no qual o autor já tinha outra concepção de partido, inclusive realizava a crítica a esta organização burocrática.

política é meramente uma forma de “*representação simbólica*”, na prática esses têm outros interesses, que são a defesa dos interesses da classe dominante.

Normalmente, esta coluna reunia textos do próprio Tragtenberg e de trabalhadores que geralmente denunciavam determinadas condições de trabalho no interior das fábricas do ABC paulista. Por outro lado, estava aberta também para outros grupos de trabalhadores, como os bancários, escritórios em geral, donas de casa e os estudantes.

Toda essa rede de contatos facilitou a abertura em algumas revistas e jornais, como é o caso do jornal *Notícias Populares*, onde passou a divulgar suas concepções sobre várias realidades na qual estavam inseridos os trabalhadores. Este espaço foi para ele um espaço de intervenção e de engajamento, pois além dos textos, participava de ações juntamente com os trabalhadores. Neste caso, o jornal foi a forma encontrada para realizar uma aproximação com a classe trabalhadora e atuar em conjunto com esta<sup>4</sup>.

Por outro lado, afirma Tragtenberg que a coluna não é para os “*pelegos*”<sup>5</sup>, tanto do velho como do novo sindicalismo e os representantes de instituições patronais, que aproveitam dos trabalhadores, principalmente em períodos de eleições. Desta maneira, em termos gerais, podemos afirmar que:

Da mesma forma a coluna reserva-se o direito de não ser canal de transmissão de “palavras de ordem” de partidos políticos, por melhores que se apresentem e pretendam “representar” o trabalhador – quando, na realidade, surgem como “novos patrões”, procurando submeter o peão à política parlamentar, exercida pelos senhores da classe média ou da classe alta, tudo em nome do peão (TRAGTENBERG, 2011, p. 05).

A coluna e as informações produzidas dizem respeito a uma crítica aos partidos e sindicatos, que são contra os interesses dos trabalhadores, pois estas buscam impor formas de dominação aos trabalhadores, que já são dominados no interior de fábricas e indústrias, e ainda tem os sindicatos e sua burocracia que exercem função parecida. Seria os sindicatos os representantes legítimos dos trabalhadores? Obviamente que não, pois estes além de serem organizações burocráticas, acabam representando os interesses dos patrões

---

<sup>4</sup> Neste contexto Maurício Tragtenberg era convidado por trabalhadores a participar de reuniões, comissões de greves no sentido de apoiá-los em suas lutas no cotidiano da fábrica.

<sup>5</sup> Neste caso, Tragtenberg (2011) tem uma explicação interessante para esse termo, segundo ele pelego é uma pele de carneiro curtida. Pode ser também de cabra ou de outros animais que possuam pelos macios. É usado sobre a cela do cavalo para amaciá-la e, assim, impedir que o trotar do animal maltrate as nádegas do cavaleiro. Em nosso país, atribui-se ainda à palavra outro significado, devido à semelhança de utilidade: pelego é o dirigente sindical que, comprometido com determinações oficiais [e patronais], coloca-se entre o governo [e os patrões] e os integrantes de sua categoria, servindo de amortecedor dos conflitos de classes ou sociais. Nisto, percebe-se, seu papel tem muito a ver com o pelego de montaria.

ao invés dos interesses dos trabalhadores, principalmente pela forma que estão organizados atualmente, isto quer dizer, existem aqueles que são os dirigentes e aqueles que são dirigidos.

Um dos pontos importantes que pode ser destacado na coluna “*No Batente*”, é a forma didática dos textos de Tragtenberg. Em alguns casos, o termo trabalhador é substituído por “*peão*”, pois trata-se de uma linguagem que buscava facilitar a compreensão dos trabalhadores. Esta não é intermediada ou dirigida por um partido político ou sindicato, nem mesmo por um político ou um intelectual profissional, não tem um líder. Essa expressa os desejos e interesses dos trabalhadores que querem lutar por uma nova forma de organização da sociedade como um todo, pois o autor, tinha autonomia para poder produzir seus textos. Tragtenberg (2005) diz que contra a ideologia do conformismo, os trabalhadores esboçam uma ideologia contestatória e reivindicadora. Essa é uma ação coerente com a realidade dos trabalhadores, pois que não podem aceitar passivamente as formas de imposição do poder por parte dos seus chefes e patrões.

Isto demonstra, que além do controle que é exercido pelo chefe no local de trabalho, o trabalhador é controlado também pelas formas de organização não operárias que dizem o representar. Na lógica dessas organizações, o trabalhador deve seguir as suas imposições, até mesmo na sua vida política, pois o objetivo destas é “*adestrar*” os trabalhadores em termos de participação política e econômica, tendo de reproduzir seus interesses. No entanto, nem todos são obedientes e acabam percebendo suas contradições e a partir daí formam associações, conselhos com autonomia, pois não se trata de uma forma de organização que tem por objetivo controlar e sim libertar.

Cada vez mais o capital comunicacional<sup>6</sup>, tal como o autor analisa o rádio e a televisão, exercem certa influência sobre os trabalhadores em geral, ampliando assim, a inserção na vida dos operários, produtos voltados para o consumo em geral, que nem sempre eles conseguem comprar. O seu tempo livre é controlado, o seu lazer é alienado, e hoje eles pagam para ter lazer, diversão, entretenimento etc. Ou seja, o capital comunicacional produz mercadorias culturais e auxilia na sua mercantilização.

O trabalhador tem de lutar contra o processo de “*infantilização social*” a que está submetido, que impede sua capacidade criadora, responsável pela ideologia da nulidade operária, que permite a muitos exploradores de seu trabalho apresentarem-se como seus defensores. São os autointitulados “*dirigentes*”

---

<sup>6</sup> Adorno e Horkheimer (1985), definem o que é a indústria cultural na obra *Dialética do Esclarecimento*. Viana (2007) trabalha em outra perspectiva, este desenvolve uma crítica a concepção dos autores da Escola de Frankfurt e amplia a discussão a partir do conceito de capital comunicacional.

políticos, sindicais, da política cultural, que pretendem representá-los (TRAGTENBERG, 2011, p. 22).

Esta luta, não é somente contra seus patrões, mas também contra os chefes que estão no local de trabalho. Estes são indivíduos que estarão mais próximos dos trabalhadores no local de trabalho. Os operários devem se organizar no sentido da busca de sua autonomia. Seus defensores não são indivíduos externos, tais como intelectuais, dirigentes sindicais ou políticos profissionais, que na maioria das vezes representam diretamente os interesses dos patrões.

Desta maneira, “o desenvolvimento real do trabalhador só ocorre quando, por meio de uma *“comunidade de luta”*, que é uma comissão de fábrica ou inter fábrica, ele dirige o processo de sua luta, bem como a finalidade” (TRAGTENBERG, 2011, p. 22). Está claro, pois é o próprio conjunto dos operários que deve se organizar coletivamente e dirigir na sua totalidade o processo de luta e, conseqüentemente o processo de produção e autogestão das fábricas. Neste caso, descarta-se a inserção do dirigente vinculado aos sindicatos e aos partidos políticos, mas também suas práticas institucionais e burocráticas que visam o controle dos trabalhadores.

Segundo Tragtenberg (2011) o peão é pobre, não é burro; sabe que para se defender só pode contar com seus companheiros, não pode contar com presidentes que a quinze anos estão na direção do sindicato. Esses indivíduos diretores, gestores de sindicatos, jamais irão resolver os problemas dos trabalhadores alocados no chão de fábrica. Neste caso, a associação dos trabalhadores é fundamental para que estes possam lutar por seus interesses coletivos.

Ainda assim, fala-se em relação aos trabalhadores e da falta de formação. Neste caso, podemos apontar:

A pretexto de “falta de formação”, falta de “consciência política” no sentido mais amplo do termo, muitas organizações autointituladas vanguardas pretendem substituir o trabalhador quanto às suas formas de organização, à maneira de dirigir a luta e os objetivos que o trabalhador como classe pretende atingir (TRAGTENBERG, 2011, p. 24).

Esse é o discurso das organizações burocráticas, pois querem sempre dirigir os trabalhadores. Não é necessário um intelectual com formação acadêmica, um doutor para ir até o *“chão da fábrica”* e dizer o que esses devem fazer, muitas das vezes, esses indivíduos

estão distantes da realidade na qual os trabalhadores estão inseridos e não conhecem ou não querem conhecer esta realidade<sup>7</sup>.

Em vários momentos do seu cotidiano de trabalho, o operário sabe que é explorado e dominado, bem como tem consciência desse fato. O grande problema são os limites dessa consciência, o tempo de trabalho e mais ainda, como se organizar a partir do local de trabalho, pois as dificuldades são várias para que estes possam se organizar e lutar contra todas essas formas de imposição e dominação. Quando os operários conseguem romper com todas essas formas de exploração e dominação, passam a contestar de forma mais ampla suas relações de trabalho, em busca de novas perspectivas.

### **Considerações finais**

Na trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg, a partir dos referenciais teóricos e metodológicos analisados, podemos afirmar que este tinha uma postura crítica-revolucionária, pois suas posições e concepções ao longo de sua trajetória apontam para esse fim. Por outro lado, partindo do método de Marx e a análise da realidade concreta Maurício Tragtenberg em vários momentos de sua trajetória, expressou de forma correta esse método de análise da sociedade.

Como Marx, Maurício Tragtenberg esteve do lado dos trabalhadores, defendeu de forma autônoma a luta dos mesmos, pois não buscou ser um dirigente político e sim, partia sempre do seu engajamento, não como um dirigente que se vinculava a uma vanguarda de intelectuais e políticos profissionais para poder defender seus interesses particulares.

Portanto, a coluna do jornal cumpriu um papel importante na trajetória de Maurício Tragtenberg. Esse período foi marcado por uma forte aproximação com o movimento operário, mas também na difusão de ideias distintas da maioria dos jornais oficiais, que são uma das formas de legitimar as práticas de dominação em relação a classe trabalhadora.

Desta maneira, é possível perceber as contradições existentes no interior da sociedade capitalista, neste caso Maurício Tragtenberg, foi um crítico não somente da sociedade capitalista, mas buscou a partir da sua postura intelectual e engajamento contribuir para a sua destruição.

---

<sup>7</sup> Marx (2007), desenvolve uma crítica aos intelectuais representado na figura do doutor. Desta forma ele diz que os eruditos por profissão, por ofício, por privilégio, os doutores e outros “ores”, os autores universitários sem princípios dos séculos XVII e XVIII, com suas golas duras e sua amável pedanteria e suas triviais dissertações micrológicas – aqueles que se colocaram entre a nação e o intelecto, entre a vida e a ciência, entre a liberdade e o povo. Foram os autores “não-autorizados” os que fizeram nossa literatura.

Para De Paula (2011) entre os estudiosos do pensamento de Tragtenberg, não há um consenso sobre o caráter de suas posições anarquistas, mas o próprio Maurício se autodenominava um marxista anarquizante. Mesmo se afirmando como um marxista/anarquizante realiza algumas críticas em relação ao anarquismo, principalmente pela sua falta de aprofundamento teórico e estudos sistemáticos sobre determinados fenômenos, onde o autor reconhece no marxismo de Karl Marx, um maior aprofundamento dos fenômenos estudados. Em Marx temos estudos sistemáticos do modo de produção capitalista e das formas pré-capitalistas de produção, onde o autor desenvolveu de forma ampla uma análise sistemática sobre o capitalismo como modo de produção.

Foi possível perceber também uma postura de defesa do proletariado organizado em luta em favor de uma nova forma de organização da sociedade. Estes travam em seu cotidiano de trabalho, uma luta constante contra a burocracia e a dominação dos patrões e a forma de organização do trabalho alienado.

Por fim, ao analisar a postura intelectual de Maurício Tragtenberg, podemos perceber sua luta cotidiana e a defesa dos explorados. Por outro lado, buscou ser coerente com sua postura ao defender de forma crítica-revolucionária em artigos e livros, mas principalmente no contato com os trabalhadores no “*chão de fábrica*”, na sua participação em greves, comitês e demais organizações na qual os trabalhadores realizaram no sentido de contestar radicalmente as relações de trabalho na sociedade capitalista.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1985.

BRAGA, Lisandro, VIANA, Nildo. *A questão da organização em Anton Pannekoek*. Rio de Janeiro. Achiamé,

DE PAULA, Ana Paula Paes. A magia de Maurício Tragtenberg. In: VALVERDE, Antônio José Romera. (org) *Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento*. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.

MARX, Karl. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre. L&PM Pocket, 2007.

LÖWY, Michael. Maurício Tragtenberg, espírito libertário. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). *Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas*. São Paulo, Unesp, 2001.

PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Florianópolis, Editora Barba Ruiva, 2007.

RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. Maurício Tragtenberg: ousou saber, ousou dizer. In: VALVERDE, Antônio José Romera. (org) *Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento*. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.

TRAGTENBERG, Maurício. *Administração, Poder e Ideologia*. São Paulo, Unesp, 2005.

TRAGTENBERG, Maurício. *Autonomia Operária*. São Paulo, Unesp, 2011.

VALVERDE, Antônio. *Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento*. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.

VIANA, Nildo. *Para Além da Crítica dos Meios de Comunicação*. In: VIANA, Nildo (org). *Indústria Cultural e Cultura Mercantil*. Rio de Janeiro, Corifeu, 2007.